

**EN-CANTO BIOGRÁFICO:
MARTINHO DA VILA, MEMÓRIAS NAS VEIAS DA FICÇÃO**

Patrícia Luísa Nogueira Rangel (UNIGRANRIO)

patricia1234luisa@gmail.com

Idemburgo Pereira Frazão Felix (UNIGRANRIO)

professorfrazao@uol.com.br

RESUMO

Martinho da Vila é muito conhecido pelas suas composições musicais. No entanto, sua habilidade *poética*, criativa, vai além do campo da música. Ele também é um escritor, utiliza muito bem as instâncias ficcionais. Suas obras mais propriamente literárias abordam diversos temas. Dentre entre eles, destaca-se a questão da memória de sua família. No presente artigo, intenta-se refletir sobre a utilização da memória como fio condutor de aspectos importantes da vida do compositor. A obra literária *Memórias Póstumas de Teresa de Jesus* nos remete, imediatamente, à obra machadiana, pelo fato de que a narradora, Dona Teresa, escreve depois de seu falecimento. Lembrando Walter Benjamin, podemos dizer que Martinho José Ferreira tece a narrativa com fios biográficos, extraindo das tranças do esquecimento histórias que a memória olvidaria. O relato biográfico que subjaz à ficção desvela o difícil, mas não menos encantador caminho percorrido pelo cantor até chegar a tornar-se conhecido. A família, uma espécie de musa que serviu como inspiração para suas composições, influenciou na carreira, na criação de suas obras como um todo, como ocorre nas *Memórias Póstumas de Teresa de Jesus*.

Palavras-chave: Memória. Biografia. Ficção.

1. Introdução

A narrativa de Martinho da Vila em *Memórias Póstumas de Teresa de Jesus* é uma retrospectiva da existência de sua mãe na “terra” após o seu falecimento. Através do relato biográfico, gênero literário em que é narrada a história de uma pessoa ou mais de uma. Martinho apresenta também a sua história e o caminho percorrido até se tornar conhecido no meio artístico. Nesse sentido, o presente trabalho visa a refletir sobre a utilização da memória como fio condutor de aspectos importantes da vida do compositor.

A estratégia narrativa adotada configura um inventário de experiência de vida, ou seja, o texto é estruturado a partir da memória do autor, no caso Martinho. Ele não escolheu uma personagem fictícia para ser narradora durante o processo da narrativa, no entanto, concedeu este

condição a sua mãe, Tereza de Jesus, quem reproduz toda vivência familiar e contexto histórico em que o autor está inserido durante todo o processo de narrativa.

A narrativa vai sendo construída através das recordações, seja de pessoas ou lugares, o retorno do passado, que em um dado momento nunca fora vivido pelo autor. Portanto, essa busca pelas suas origens seria protegida contra o tempo, através da literatura, e de certa maneira reflete no presente.

Memórias Póstumas de Teresa de Jesus é uma narrativa que funciona como instrumento de preservação de memórias e busca da historicidade de Teresa e seus familiares produz a reconstrução da identidade, ou seja, um novo sentido na vida.

2. Martinho escritor

Martinho José Ferreira, o tão conhecido Martinho da Vila, é uma personalidade consagrada pelas suas composições musicais, no entanto, sua habilidade criativa ultrapassa os limites do campo musical e atinge as instâncias ficcionais, escrevendo sobre diversos temas, como políticos, sociais, culturais e familiares, e de diversos gêneros: infanto-juvenis, romance, biografia.

De acordo com o site oficial de Martinho da Vila, ele escreveu os livros: “*Vamos brincar de política?*”, parte da coleção “Quem canta, conta”, para o público juvenil, em 1986; “*Kizombas, Andanças e Festanças*” em 1992, livro autobiográfico, contando histórias pessoais e profissionais, apresentando segunda edição em 1998; “*Joana e Joanes – Um Romance Fluminense*”, versão brasileira e portuguesa, em 1999, e francesa em 2012; a ficção “*Ópera Negra*” em 2001, na versão brasileira, e em 2013, na versão francesa; A biografia “*Memórias Póstumas de Teresa de Jesus*” em 2002; “*Os Lusófonos*”, romance, em 2006; “*Vermelho 17*” em 2007, trata-se de livro de memórias da infância de Martinho, atualizadas com elementos atuais; “*A Rosa Vermelha e o Cravo Branco*” em 2008; duas obras em 2009, “*A Serra do Rola-moça*” e “*A Rainha da Bateria*”; Em 2011, “*Fantasia, Crenças e Crençices*”, uma obra que foi classificada por Martinho como literatura musical; em 2013, a obra infanto-juvenil “*O Nascimento do Samba*”; o livro, cuja temática é escola de samba, “*Sambas & Enredos*” em 2014; e por fim, “*Barra, Vilas e Amores*” em 2015 (<http://www.martinhodavila.com.br>).

Na entrevista para *Revista Língua Portuguesa* (2013), Martinho comenta sobre seu lado escritor, dizendo que, enquanto escrever canções há necessidade de resumir uma ideia/tema, a literatura concede maior liberdade, podendo escrever pouco, voltar, reescrever e até trocar. Para ele, ser escritor de um livro é de muita responsabilidade, visto que é algo que será consultado, podendo ser até reeditado. Afirma Martinho que escrever é complicado e dolorido. Não que compor música não seja, porque ela é vista como algo de artista, e às vezes as pessoas não gostam da música, e sim da melodia. Já com o livro não existe essa escolha. (BRYAN, 2013)

A arte de narrar, de acordo com Benjamin (1994), está em extinção, porque são raras as pessoas que sabem narrar devidamente e, no geral, sentem dificuldades em intercambiar experiências. Ainda segundo o autor, os narradores recorrem às experiências que são passadas de geração a geração, e entre as narrativas escritas, as que mais se aproximam das histórias orais.

Todos os homens produzem na sua vida cotidiana um número indefinido de textos narrativos, isto é, textos em que contam, em que relatam seqüências de eventos de que foram agentes e/ou pacientes ou de que tiveram conhecimento como testemunhas presenciais ou como leitores ou ouvintes de outros textos. No âmbito da sua vida privada – desde as suas relações familiares às suas relações com amigos –, como no âmbito da sua vida social e institucionalmente regulada – por exemplo, todo *curriculum vitae*, toda a “história clínica”, toda a ação judicial, toda a confissão religiosa pressupõe um texto narrativo –, o homem não pode deixar de produzir textos marcados pela narratividade. (SILVA, 1990, p. 596)

As obras literárias de Martinho da Vila são carregadas de experiências familiares e de vida, pelas quais ele passou. Em alguns de seus livros, o autor relata fatos de sua vida pessoal e profissional, resgatando memórias/lembranças. Bosi (1987) faz comparação da lembrança com diamante bruto, que precisa ser lapidado, sendo necessário estar associado ao sentimento, para que não seja só repetição de estado, e sim uma rememoração. Benjamin (1994) também concorda que rememorar está relacionado à relação afetiva e sensibilidade e não só recordar um acontecimento.

Explica Bosi (1997) que a lembrança é uma imagem construída por meio de representações, que estão na nossa consciência atual, levando em consideração que a percepção que tínhamos quando criança se modifica à medida que se vai amadurecendo e com ela também as ideias, realidade e valores. Nesse sentido, o escritor ao produzir uma obra literária

ria é como lapidasse essa lembrança, diamante bruto, a fim de dar-lhe sentido.

Martinho, guardada a diferença da escrita, ao narrar fatos ligados às suas lembranças, pode ser comparado aos griots africanos do passado, que, de acordo com autores como Hampâté Bâ (1982), são espécies de trovadores que, através da tradição oral, característica própria da cultura africana, exerciam a arte de serem contadores de história, tornando um fato passado como evento presente, em que todos participam, narrador e ouvintes, tornando-os, portanto, testemunhas vivas. Silva (1990) explica que, na perspectiva da estética da recepção, o emissor e o código possuem historicidade própria, no entanto, não se deve anular ou desqualificar a historicidade do receptor/leitor, uma vez que se trata de um fator essencial na constituição do texto, principalmente, porque ele assume um papel de agente dinâmico na decodificação do texto.

Da mesma maneira que os griots africanos, no passado, resguardavam tradições e costumes de seu povo, através do ato de narrar, cantar e recitar, na contemporaneidade, evidenciam-se novos tipos de griots: os que utilizam a escrita como meio de compartilhamento de experiências e em prol da conservação da memória. Comenta Hampâté Bâ (1982) que, para o escritor, produzir o texto, há um diálogo secreto consigo, recordando os fatos como eles são realmente, de forma que a escrita se torna resultado de testemunho oral, que fora transmitido de geração a geração. Na escrita, portanto, de acordo com Silva (1990, p. 662), as conexões semânticas e pragmáticas traduzem a visão do mundo, sistema de crenças e valores, adquirindo significado e coerência. “A semântica do texto literário entretetece-se de significados históricos e de significados meta-históricos, de significados sociológicos e ideológicos e de significados antropológicos e mítico-simbólicos”.

Assim, Martinho da Vila, como griot contemporâneo, narra suas experiências e a relação com a família, como em *Memórias Póstumas de Teresa de Jesus*, que é um livro de memórias de sua família, na voz de sua mãe, que depois do seu falecimento resolve escrever a respeito.

3. *Teresa de Jesus: porta-voz da memória*

O enredo do livro *Memórias Póstumas de Teresa de Jesus*, desenvolve a partir da voz da mãe de Martinho da Vila, Teresa de Jesus Ferreira, que conta a história da família. Teresa, protagonista da obra, é apre-

sentada por Faro (2003) como uma pessoa que, em vida, fala com certa doçura, através da bondade, tolerância e compreensão da vida e das pessoas, e com reverência, comparada a um ser iluminado.

Memórias Póstumas de Teresa de Jesus é um livro que começa com prefaciais como esclarecimentos, escritos por pessoas ligadas ao autor, Magaly Cabral, Marília Barbosa e Fernando Faro. A introdução mostra a importância da família para Martinho:

Percebo a felicidade de Martinho quando a família de Martinho está toda reunida, o modo como brinca com cada um deles. Creio que, se pudesse, moraria numa imensa casa, onde todos os filhos morariam, além de parentes meus tão próximos. (CABRAL, 2003, p. XI)

Ainda nas proemias, ou seja, prefaciais, a denominada “Célula Mãter”, Barbosa (2003, p. XIII) discorre sobre a relação familiar, que “nem aquele povo da casa de bamba”, em que a família se reúne, seja nos encontros de domingo, feriados longos, Natal, Páscoa, casamentos e até enterros. “Gente que se quer bem e está acostumada a ficar juntos, mesmo quando acha aquilo tudo uma bagunça e pensa que está louco para ir embora e ter sossego em outro lugar”. E por fim, em “Essa outra Teresa”, Faro (2003, p. XVI) expressa seus sentimentos com relação à Teresa e sobre a sua morte, por citar trecho do poema de Manuel Bandeira, *A primeira vez que vi Teresa*:

A última vez que vi Teresa, "não vi mais nada
Os céus se misturaram com a terra
E o espírito de Deus voltou a se mover sobre a face das águas".

De acordo com Silva (1990), o protagonista representa, na estrutura dos agentes da narrativa, o núcleo por onde passam as outras personagens. A escolha de Teresa, como personagem principal e a voz do narrador, a nomeia como mediadora, tanto entre os demais personagens, como entre Martinho e o leitor. A escolha também tem a ver com a sua condição de chefe de família, após ficar viúva.

Em 1948 eu, com menos de 50anos, estava viúva e sem nenhum filho na maioridade.

Não me desesperei.

Juntei minhas energias e falei comigo mesmo: “eu vou ser uma grande chefe de família. Vou cuidar bem dos meus filhos e educa-los para, no mínimo, serem boas pessoas”.

Rezei com fé as Almas Santas Benditas. Ao despertar de uma maldormida, reuni a filharada logo que acordaram e deixei bem claro que eles não tinham mais o pai, que teríamos de ser muito unidos, mutuamente solidários, e

trabalhar bastante para a nossa sobrevivência. Frisei que não é digno viver de favores e que jamais deveríamos mendigar. (VILA, 2002, p. 45)

Diante da força e garra de sua mãe, Martinho a elege como heróina, pessoa responsável pelo elo familiar, o que vai ao encontro com a referência de herói, que Silva (1990) diz estar ligado aos códigos culturais, éticos e ideológicos de uma determinada época ou sociedade. De acordo com Benjamin (1994), o narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros, e incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes, ou seja, Martinho compõe seu texto a luz de sua experiência, a da sua mãe e de todos os envolvidos com ele.

As personagens de *Memórias Póstumas de Teresa de Jesus* são nomeadas, individualizadas e particularizada, pois possuem uma identidade própria, mas não são isoladas, pois se relacionam e interagem. Silva (1990) explica que os personagens apresentam características psicológicas, morais e socioculturais, pré-existentes à ação narrativa, ou seja, elas nunca são *formas vazias* ou *puros operadores*. A existência do nome exerce um papel relevante para caracterização da personagem, da mesma maneira que ocorre na vida civil de cada indivíduo.

O autor ainda explana que retrato físico/psicológico/moral de cada personagem é completado com sua história genealógica. Em *Memórias Póstumas de Teresa de Jesus*, os personagens estão diretamente ligados à protagonista, seja pelo grau de parentesco, como de amizade. Como personagens, além de marido, Josué Ferreira, aparecem também alguns familiares, como as filhas Deuzina, Zezé, Elza, o próprio Martinho, entre outros, e amigos e pessoas próximas, tais como Beto sem braço, comadre parteira etc.

Outras características importantes da obra são as várias descrições que aparecem. De acordo com Silva (1990), se torna elemento indispensável para a construção de significados, e a narradora, Teresa, não deixa de fazer uso de tal recurso, proporcionando uma sensação de realidade. Vila (2003; p. 7, 123), na voz de sua mãe, faz descrição dela mesma, uma pessoa normal, que gostava de ouvir música, cuidar da casa, cozinhar, conversar, mas não era muito de dar conselhos, era caseira, e católica praticante. Teresa dizia que na adolescência era menina pobre do interior, “negra bonita, cabelos lisos, moçoila esquia e de feições finas”; e na velhice: “Eu, com meus 94 anos, gozo de boa saúde, estou lúcida e enxergo”. Ela descreveu também seus filhos e de como cuidava deles, sempre asseados, penteados e bem vestidos.

Santos (2004) explica a importância do lugar, porque é lá que dá poder, desejo, afeto, informação, ideologia, artes e crenças, ou seja, toda bagagem cultural. Nesse sentido, se torna pertinente a descrição que Teresa faz das casas que morou, bem como do espaço Morro do Boca do Mato, na cidade do Rio de Janeiro, lugar para onde foram morar quando ela e sua família vieram de Duas Barras, interior do estado:

A Boca do Mato ganhou esse nome porque ao pé da serra havia um descampado que ia dar um matagal que acabava numa floresta conhecida como Mata Virgem, onde é hoje o bairro Ouro Preto. O descampado virou um largo formado pelo cruzamento das ruas Aquidabã e Maranhão, o Largo da Boca do Mato, onde o Stanislaw Ponte Preta inventou o casarão da Tia Zulmira...

... A Boca do Mato, me dói dizer, foi um bairro que decaiu.

O comércio do Largo da Boca do Mato era muito nos anos 40 que nos 90. Tinha uma padaria e confeitaria grande, dois armazéns, um açougue, uma farmácia, duas quitandas, uma carvoaria e três bares...

O morro também era melhor. Tinha um bloco carnavalesco, o Burrinha do Aberlado, uma escola de samba, a Aprendizes da Boca do Mato, e dois times de futebol. O Caparaó e o Boquense...

... Antes do descampado, à esquerda de quem sobe, tem um caminho de subida que vai dar na parte conhecida como Morro do Céu, e à direita havia uma descida para se atravessar uma laje e subir para o lado do Terreiro Grande, um templo do candomblé na linha angola, próximo do qual nos morávamos. Subindo-se mais por esse lado, chegava-se às terras do se Bento, que tinha até cavalos, era proprietário de muitos barracos e residia numa bela casa, bem no alto do morro. Ao fundo do descampado, onde as crianças brincavam, começava os domínios da dona Maria das Vacas, assim conhecida por ter algumas cabeças de gado num pasto inclinado que ia dar na mata virgem da serra dos Pretos Forros.

Pelo descrito dá para imaginar que o morro da Boca do Mato não era uma favela amontoada de barracos como é hoje e, portanto, eu não estranhei muito o lugar, um morro com algumas características rurais e totalmente tranquilo. (VILA, 2003, p. 26 e 27)

Martinho, em sua obra, recria os principais aspectos da vida de Teresa de Jesus em Barra do Piraí e na cidade do Rio de Janeiro, revelando costumes, hábitos próprios dela e da família. Nesse momento, fortemente se verifica a importância da existência da tradição oral, pois são costumes passados de geração a geração: como religiosa, gostava de ouvir a oração da ave-maria no rádio, a partir das seis horas da noite e, na noite de réveillon, além de confraternização e fogos, também é dia para orações e meditações; e acreditava que “pedir era uma vergonha. Todo pedinte deve ser visto como um ser desavergonhado, com exceção dos deficientes físicos; mesmo assim, só os totalmente incapazes para qual-

quer trabalho”. (VILA, 2003, p. 45)

Outra narração da personagem narradora, Teresa, que aborda a temática de costumes e tradição é a importância das parteiras, mulheres experientes que realizavam partos domiciliares, cujo conhecimento era baseado em saberes adquiridos pelos antepassados e a importância do batismo da criança, logo após o nascimento.

Tive 11 filhos sem conhecer um hospital-maternidade.

Todos os meus filhos nasceram de parteira e só sobreviveram cinco, saldo assustador para os tempos atuais, porém dentro dos padrões da época pois o índice de mortalidade infantil antigamente era muito grande. A incidência era tanta que, sempre que nascia uma criança, os pais se apressavam em levá-la à pia batismal para que a recém-nascida não corresse o risco de morrer pagã. (VILA, 2003, p. 43)

Martinho, ao escrever *Memórias Póstumas de Teresa de Jesus*, busca registrar a história de sua família, suas origens através das lembranças de sua mãe, segundo Cabral (2003). Lembrar não significa reviver, e sim, refazer, reconstruir e repensar as experiências do passado com as ideias de hoje, como comenta Bosi (1987).

4. Teresa e sua história

Em 15 de outubro de 1907, nasceu Teresa de Jesus, cujos pais, Serafina Maria da Conceição Silva e Benedito José Silva, apesar de constarem no registro, não os conheceu. “Acho que eles não cumpriram o juramento ‘até que a morte nos separe’ e também não viveram muito”. Ela e os irmãos foram criados por uma senhora, a quem chamavam de Vovó Joana, moradora de uma casa-grande na fazenda do Pacau e “foi mãe de crianças de muita gente”. (VILA, 2003, p. 5-6)

Teresa, em 1925, casou-se com Josué Ferreira, a quem amara à primeira vista. Tiveram 5 filhos que vingaram – Elza, Deuzina, Martinho, Nélia e Zezé. “Eu cataloguei 24 netos, 28 bisnetos e 5 tataranetos, e um dos 8 filhos da Deuzina, o Zeca, herdou o nome bíblico do avô, assim como o único da Juliana, bisneto” (VILA, 2003, p. 11). Na década de 1940, a família saiu de Duas Barras para recomeçar a vida na cidade grande. Passavam o dia na casa da comadre Lourdes e à noite se dividiam entre várias casas, até alugarem um barraco.

No Rio de Janeiro, Josué trabalhou em vários lugares, até conseguir uma vaga na Fábrica de Papéis Engenho Novo, que com horas extras

conseguia manter a família, inclusive, mudaram para um barraco maior. Teresa ajudava nas despesas, lavando e passando roupas para fora e Elza como doméstica. No entanto, no fim dos anos 40, salários estagnaram e os preços subiram muito, precisando que, Deuzina aos treze anos e Martinho aos nove, trabalhassem.

Teresa narra que, em 1948, no dia 22 de julho, Josué saiu e não mais voltou, encontrado morto no Instituto Médico Legal (IML) por ela. “Fiquei desorientada como se estivesse perdida numa ilha deserta com um mar revolto por toda a volta”. Viúva com cinco filhos menores, ela teve que agir como chefe de família. Os filhos cresceram, algumas casaram e Martinho foi prestar serviço militar, “engajou, fez curso de cabo, logo a seguir o de sargento e foi promovido”. (VILA, 2003, p. 44 e 51)

Entre final da década de 50 e a de 60, foram dias de mudanças, em que a ascensão de Martinho indicava mudança na classe social. Mudaram para uma casa muito maior, mas alugada, no entanto, dois anos após, conseguiram comprar a casa própria, financiada pela Caixa Econômica, em Pilares. A casa estava ocupada por moradores que resistiam sair dela, enquanto não conseguiam desocupá-la, moraram em Pilares, casa que sua filha Nélia e o noivo emprestaram. Alguns meses depois, finalmente, mudaram para a casa própria.

A questão da religiosidade era muito forte na vida de Teresa, marido e filhos. Ela e o marido eram católicos praticantes e quando vieram para o Rio de Janeiro, as festas do Mês de junho, São João, Santo Antônio e São Pedro, eram a maior alegria, pois as brincadeiras nas danças de quadrilhas e os bailes a sanfona lembravam o interior. Após a morte do marido, aos sábados, na hora da ave-maria, ela reunia os filhos tanto para rezar como refletirem sobre a semana.

A narradora diz que o sobrinho Ejaídes fez contato, filho de seu cunhado Valdevino, e a convidou para visitá-los, e prontamente foi para matar as saudades e conhecer os novos parentes, já que se passara quase trinta anos. Ao conhecer um sobrinho, Ejaídes, em São Paulo, que “tinha o espiritismo como religião, incorporava um caboclo, o Pai Matheus, e era conceituadíssimo na umbanda”, Teresa estabelece na narrativa a relação com as religiões de matrizes africanas. Ela também conta que sua filha Zezé frequentava o centro de umbanda no Rio de Janeiro desde pequena, inclusive, na antevéspera de fazer uma cirurgia, foi operada espiritualmente por um guia do terreiro que visitava, seu Cachoeira.

Em *Memórias Póstumas de Teresa de Jesus* faz considerações a

respeito de suas filhas: Elza que se casou com Otávio, aos 24 anos, se separou porque brigavam muito, e casou-se novamente com o ex-marido, dessa vez no religioso, ficando, por fim, viúva; Deuzina, enviuvada aos 45 anos, dos oito filhos que teve, perdeu o caçula, Joni, aos 22 anos; Né-lia, cujo noivo morreu antes de se casar e, tempo depois, casou-se com Genílson dos Santos, Yauca da Mangueira; e de Maria José (Zezé), a caçula da família, que casou-se três vezes até falecer em 1995.

No Início do século XXI, Teresa de Jesus, aos 94 anos começa a ter dificuldades PARA andar, precisando de cuidados. Ela narra que foi ficando deprimida e falava consigo:

Não estou gostando nada da vida que levo e não tenho o menor prazer quando me tiram da cama. Passo o dia inteiro sentada. Ora me assentam no sofá, ora na cadeira de rodas, ora na poltrona.

Dizem que velhice não é doença, mas quem não pode mais andar é doente sim. Achei melhor não sair mais da cama. (VILA, 2002, p. 129)

Apesar de Teresa ser uma pessoa que não se entrega a qualquer adversidade, ela sentiu que estava na hora de descansar. A relação da mãe com Martinho era muito forte. Antes de ir para o hospital, onde se deu sua passagem, a última pessoa com quem ela conversou foi com o filho, explicando que, na velhice, quem não pode andar e nem se cuidar e estar doente, não consegue ter esperança. Acrescentou que quando chega a hora de ver Deus, tem que querer, para não prolongar o sofrimento e nem penalizar os parentes. Apesar, segundo a narradora, de ele compreender, que ela estava querendo partir e que o preparava para sua morte, mesmo assim autorizou sua internação.

Chegou a ser internada, no entanto, 23 de junho de 2001, no Hospital Dr. Aloan, em São Cristóvão. Como dizem as palavras de Teresa: “Tive a sensação de que minhas células foram adormecendo, as batidas do coração ralentando e eu, enquanto espírito, fui me desgarrando da matéria e subindo lentamente... atravessei as nuvens e entrei no céu”. (VILA, 2002, p. 140)

5. *Martinho: retrato biográfico*

O biografismo concede a obra literária a manifestação ou projeção confessional de uma experiência vivida, conforme Silva (1990). Complementa Almeida (2011) que ao escrever sobre a vida de alguém, característica de um texto biográfico, através do narrador, o autor conta, impli-

citamente, algo sobre sua comunidade, logo sobre si. Ao contar algo para o outro, objetiva a transmitir alguma informação. Benjamin (1994) comenta que a narração pode configurar um ensinamento moral, e é o narrador que sabe dar conselhos, embora, nos tempos atuais, pareça antiquado, principalmente porque as experiências estão sendo deixadas de lado.

Em alguns textos biográficos, o autor quer falar de si e do seu universo, por razões estéticas, utilizando do recurso ficcional com a finalidade de ser mais eloquente e universal. Nesse momento, utiliza-se da voz do narrador para conduzir o leitor ao jogo textual da narrativa, pela história em si e pelo jeito que é contada (ALMEIDA, 2011). De forma que ao ser narrado a história de Martinho, abre-se portas para conhecimento do cantor/compositor/escritor, bem como do caminho que ele percorreu até a sua consagração.

Martinho José Ferreira, conhecido como Matinho da Vila, devido sua relação com a escola do coração, GRES Unidos de Vila Isabel, nasceu no dia 12 de fevereiro de 1938, em Duas Barras, interior do Rio de Janeiro. Casado oficialmente com Cleodimar Correa Liscano, mas teve relacionamento amoroso com Anália, Ruça e Rita. Pai de oito filhos: Martinho Antônio, Analimar, Mart'Nália (Anália); Juliana e Tunico (Ruça); Maíra (Rita); e Preto e Alegria (Cléo). Possui oito netos.

Em *Memórias Póstumas de Teresa de Jesus*, a figura desse artista é explorada, devido a vários relatos sobre ele, se destacando de outras personagens. Logo no início do livro, a narradora comenta a preocupação do seu marido, Josué com o futuro de Martinho, único filho homem de cinco filhos, o que se tornou um dos motivos da saída do interior, Duas Barras, para a cidade, Rio de Janeiro.

(...) Desde que o nosso varão começou a andar e falar eu passei a pensar no futuro dele. O Martinho já está próximo dos quatro anos e, daqui a pouco, vai começar a ser mandado a abrir porteira. Depois a cuidar dos animais e logo, logo ele vai pegar no cabo da enxada. O máximo que ele poderá alcançar é chegar a meeiro, como eu cheguei. Isso se estudar e tiver muita sorte e disposição para o trabalho, porque os fazendeiros não arrendam suas terras a qualquer um. (VILA, 2002, p. 15)

Martinho é citado pela sua mãe como uma pessoa muito inteligente e recebia destaque em todas as instituições de ensino por onde passou. Quando criança, ele prestava serviços, incluindo faxina, para duas professoras aposentadas, Ida e Alzira, durante a semana, dormindo na casa delas. As duas senhoras o matricularam na escola pública, e quando terminou o primário, foi inscrito no Senai, onde fez o curso de Laboratorista

Auxiliar de Químico Industrial.

Como o curso profissionalizante era nos dois turnos, Martinho parou de trabalhar e as professoras davam-lhe uma boa mesada, que ainda ajudava nas despesas da casa da mãe. Teresa diz que as senhoras, Dona Ida e Dona Alzira, eram como verdadeiras mães para seu filho.

Entretanto, Martinho esteve cercado por um ambiente intelectual e artístico, a começar por seu pai, que sabia ler, escrever, tinha uma bela caligrafia e dominava as quatro operações (somar, subtrair, dividir e multiplicar). De acordo com a narradora, ele era saudado como “seu Letrado”, “seu Josué das Letras” ou “Professor” em Duas Barras. As suas habilidades geraram frutos, porque exercia papel de contador nas fazendas, ajudava os senhorezinhos na alfabetização e nos deveres escolares, embora não recebesse para tais atividades. Santos (2004) comenta que mesmo as pessoas iletradas e que realizam trabalhos rudes, são intelectuais, ou seja, trabalham com ideias.

Segundo o autor, o intelectual é aquele que dialoga com a sociedade a partir de um saber específico, que nada mais é do que conhecimento, que a sociedade vai usar ou desprezar de acordo com a necessidade. Logo, a intelectualidade do senhor Josué também é evidente quando ele demonstrava habilidades de improvisar versos nos calangos e criar cantorias, escrever a história dos reis magos em versos para os mestres cantarem nas folias de reis. Além disso, ele era “um bom tirador de ladainhas caseiras, orações que se rezavam em novenas, de casa em cada, para pagamento de promessas”, o que lhe permitiu, reverentemente, ser chamado de “Rezador” ou “O Operário das Rezas”. (VILLA, 2002, p. 13)

De acordo com Santos (2004), intelectual é o possuidor de um saber tradicional, disposto a intercambiar com outros, a fim de produzir conhecimento, ou seja, uma comunicação, o que a pessoa sabe em conjunto com outros, através das trocas de saberes, que são fatos memorizados, habilidades desenvolvidas, enfim, todo conhecimento adquirido e que está na lembrança. O pai de Martinho começou a alfabetização dos seus filhos, o que era difícil à luz de velas. No entanto, com a chegada da luz elétrica, facilitou muito Josué dar aula para Deuzina, Martinho e Nélia.

Teresa também se considerava culta, embora nunca frequentasse uma escola. Essa cultura fora conquistada por meio da busca pela informação, principalmente, através do rádio e televisão.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Eu desenvolvi minha cultura buscando a informação, já que nunca fui a escola. Aprendi a desenvolver a fala para me expressar bem e tinha por norma, principalmente, ouvir. Gostava de ouvir os contos literários e os artigos de jornal que Josué lia para mim.

O rádio me ajudou muito e a televisão também. Nunca fui de ficar vendo novela ou programas inúteis. Não perdia os noticiários políticos e preferia programas musicais. Aos informativos voltados para a violência, do tipo Cidade alerta, Linha Direta e outros similares, eu não assistia. No fundo eles só servem para divulgar a marginalidade e eu preferia gastar o meu tempo com programas enriquecedores do conhecimento. Os da TV Educativa e da TV Cultura me foram úteis. Aprendi a pensar. (VILA, 2002, p. 135, 136)

As senhoras professoras, Ida e Alzira, também colaboraram para que Martinho prestasse serviço militar num contingente especial, no Laboratório Químico e Farmacêutico do Exército, porque tinham amizade com a família do ministro da Guerra, Marechal Lott. Após a baixa na carreira militar, já estava certo que ele iria se tornar funcionário público. No entanto, engajou, fez curso de cabo e depois de sargento e foi promovido.

Por volta da mudança para Quintino, a nova casa vivia em festa, principalmente no fim do ano, com a participação de sambistas. Foi numa dessas festas que Martinho compôs a “Casa de Bamba”:

Na minha casa todo mundo é bamba
Todo mundo bebe, todo mundo samba...

(VILA, 2002, p. 60).

O samba, conforme Santos (2004), é um veículo musical de sociabilidade de um grupo, seja no trabalho, festas, linguagens e hábitos. Para o autor, a base material do samba são os grupos negros urbanos cariocas em interação com outras pessoas, inclusive recém-imigrantes rurais.

E assim, em todas as oportunidades possíveis, como diz Teresa, “como é compositor, já tinha um samba na cabeça”, como: “O Caveira”,

...O Caveira, nega, o Caveira
Empurrando a promissória
Que venceu quarta-feira...

que se referia ao credor, por época que estavam muito endividados; “Tom maior”,

...Ah! Eu hei de ver
Você ninar e ele dormir
Hei de vê-lo andar,
Falar, cantar, sorrir...

quando assumiu o filho de Anália, registrando-o como Martinho Antônio

Mendonça Ferreira; “Salgueiro na Avenida”,

Oitenta e dois, dezembro, dezessete
Pela terceira vez a história se repete
Desta vez com a Juca
A Juju, Juquinha
Minha Juliana ficando mocinha...,

samba referindo-se a sua filha com a Ruça, Juliana, que ficou menstruada aos 12 anos para espanto de todos; entre outras inspirações. (VILA, 2002, p. 63, 92)

Na década de 1970, Martinho decide largar a carreira militar em prol da artística: “...logo virou uma estrela da música popular com muito sucesso, o que causou uma reviravolta positiva em nossas vidas”, narra sua mãe (VILA, 2002, p. 65).

Sua relação com escolas de samba, como compositor, começou ainda quando Martinho tinha 15 anos ao compor o samba enredo “Carlos Gomes” –

Vimos cantar a história
De um maestro cheio de glória
Carlos Gomes
O nome do Brasil elevou
Nasceu na cidade de Campinas
Aluno de seu genitor...,

para a Escola de Samba Aprendizes da Boca do Mato. Teresa também comenta a relação de Martinho com a Escola de Samba Unidos da Vila Isabel, por citar um samba-enredo composto por seu filho, junto com Azo e Ovídio Bessa, “Raízes” (1987) –

A Vila Isabel
Incorporada de Maíra
Se transforma em Deus supremo
Dos povos de raiz
Da terra kaapó...;

e a composição de Martinho, “Gbala – Viagem ao templo da criação” –

Meu Deus
O grande criador adoeceu
Porque a sua geração já se perdeu
Quando acaba a criação
Desaparece o criador
Pra salvar a geração
Só esperança e muito amor...,

samba-enredo de 1993.

Enfim, Martinho é retratado por Teresa em seu livro como um intelectual que serve ao povo, pois escreve para esse grupo específico. Além do mais, é uma pessoa simples que está muito ligado a família, de suma importância na construção da personalidade dele, pois foi através dela que adquiriu valores para viver e conviver em sociedade.

6. Conclusão

Como se disse anteriormente, a obra *Memórias Póstumas de Teresa de Jesus*, de Martinho da Vila, é uma narrativa ficcional, cuja narradora é a falecida mãe do autor. Nessa história, a narradora-protagonista discorre sobre sua vida, desde seu nascimento, passando pela juventude, vida adulta e velhice. Dentro dessa mesma obra, Martinho também desvela sua própria biografia, apresentando aspectos relevantes de todo processo de construção do cidadão e do profissional respeitado que se tornou.

A escolha de Teresa de Jesus como protagonista e narradora, principalmente, contando sobre momentos da vida do autor, confere credibilidade ao leitor, pelo grau de parentesco, bem como pelo desenvolvimento do enredo. A subjetividade de Teresa, ao narrar os fatos de sua vida, que de certa maneira está relacionada ao seu filho, numa relação em que ele a vê como heroína, por toda força diante de dificuldades e problemas que surgiram, como a morte do marido, mantendo o elo familiar intacto. Em fim, o livro *Memórias Póstumas de Tereza de Jesus* provoca sensibilidade ao leitor, ao ponto de envolvê-lo, e levá-lo a mergulhar na história.

Teresa é, portanto, porta-voz das memórias familiares do autor, e como tal, ela nomeia os personagens, respeitando suas individualidades; faz descrições de seus familiares, destacando Martinho, bem como das casas em que morou e da cidade, Duas Barras, interior, e do Morro da Boca do Mato, Rio de Janeiro; rememora costumes e tradições etc.

Martinho da Vila é conhecido por ser compositor, contudo, também possui a habilidade de ser escritor de obras literárias, o que considera ser de grande responsabilidade, pois é algo a ser consultado. Além disso, diferente da música que a pessoa pode desmembrar letra/melodia, ou seja, gostar mais da melodia do que de letra, ou vice-versa, o livro, por sua vez não há essa possibilidade.

Devido à importância para Martinho sobre lembranças e memórias, pode ser comparado ao griot dos povos africanos, transmissores de

cultura e tradição de um povo, executando, portanto, eficazmente a função de griot contemporâneo, por preservar e divulgar sua história.

Como se pôde perceber, ao longo do desenvolvimento deste artigo, Martinho da Vila soube utilizar importantes ferramentas literárias para tornar suas memórias mais palatáveis e atraentes. A ficção se oculta na argamassa biográfica. E a biografia se torna ficção, ensejando um maior contato dos leitores-fãs com a vida de seu ídolo. Essa obra ficcional revela um artista da palavra que teve oportunidade de demonstrar que já estava nas veias das composições musicais o DNA do ficcionista.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOZA, Marília. Célula Máter. In: VILA, Martinho da. *Memórias póstumas de Teresa de Jesus*. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2003.

BRYAN, Guilherme. Entrevista: samba da lusofonia. *Revista Língua Portuguesa*, edição 93. Segmento: julho, 2013. Disponível em: <<http://revistalingua.com.br/textos/93/samba-da-lusofonia-292122-1.asp>>.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade; lembranças de velhos*. São Paulo: USP, 1987.

CABRAL, Magaly. Introdução. In: VILA, Martinho da. *Memórias póstumas de Teresa de Jesus*. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2003.

FARO, Fernando. Essa outra Teresa. In: VILA, Martinho da. *Memórias póstumas de Teresa de Jesus*. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2003.

HAMPÂTÉ BÂ, Amadou. A tradição viva. In: KI-ZERBO, Joseph. *História geral da África, I: metodologia e pré-história da África*. São Paulo: Ática; UNESCO, 1982.

OLIVEIRA, Veridiana. *Confissão com ficção – criação biográfico literária de Cristóvão Tezza*. 2011. Tese (de doutorado). – UFSC: Florianópolis.

SANTOS, Joel Rufino dos. *Épuras do social: como podem os intelectuais trabalhar para os pobres*. São Paulo: Global, 2004.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

SILVA, Vítor Manuel de Aguiar e. *Teoria da literatura*. Coimbra: Almedina, 1990.

VILA, Martinho da. *Memórias póstumas de Teresa de Jesus*. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2003.

_____. <http://www.martinhodavila.com.br>